PEDAGOGIAS PERIFÉRICAS: COMO TASHA & TRACIE PRODUZEM SABERES PELA MÚSICA

Maria Clara Freire - Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ FFP (Faculdade de Formação de Professores) São Gonçalo, RJ, Brasil. Email: clarafreire1920@gmail.com

INTRODUÇÃO

O rap, enquanto expressão artística e sociocultural da periferia, tem se consolidado como uma importante ferramenta pedagógica, sobretudo quando associado a práticas educativas antirracistas e críticas. A aproximação com esse tema surge tanto da vivência com movimentos culturais periféricos quanto da experiência acadêmica voltada à reflexão sobre desigualdades, identidades e os modos como os jovens, especialmente negros, constroem sentidos sobre si e sobre o mundo.

Ao longo de sua trajetória, observa-se que a escola frequentemente desconsidera as produções culturais oriundas das margens, apesar de elas constituírem repertórios significativos para grande parte dos estudantes. Nesse contexto, há um aprofundamento nas obras da dupla Tasha & Tracie, cujas músicas articulam debates sobre estética, raça, empoderamento feminino e a realidade da juventude negra no Brasil.

A escolha do tema também se deve à potência pedagógica encontrada nas narrativas das artistas. Suas letras apresentam elementos essenciais para discussões sobre identidade, racismo estrutural, gênero, consumo, violência e pertencimento territorial, temas que dialogam diretamente com os desafios atuais da educação brasileira.

Percebe-se que o rap, enquanto manifestação cultural marcada por narrativas de identidade e resistência, oferece um campo amplo e ainda pouco explorado para reflexões pedagógicas e acadêmicas que considerem artistas em sua singularidade. Analisar como obras de artistas específicos podem produzir sentidos formativos, gerar debates e mobilizar saberes, abre um espaço de investigação mais detalhado e profundo. Trabalhar com artistas determinados, como Tasha & Tracie, possibilita observar nuances estéticas, discursos próprios, temas recorrentes e estratégias de comunicação que se ligam diretamente com questões sociais contemporâneas.

Essa aproximação mais direcionada permite compreender de que maneira trajetórias individuais e coletivas, estilos musicais e escolhas narrativas podem contribuir para práticas educativas, debates teóricos ou produções de conhecimento em diferentes áreas. As músicas de Tasha & Tracie, nesse sentido, oferecem uma oportunidade de analisar como determinadas vozes periféricas produzem discursos potentes, elaboram leituras críticas do cotidiano e questionam estruturas sociais, abrindo caminho para pensar o rap não apenas como expressão artística, mas como um repertório que pode dialogar com vários campos de estudo e intervenção.

METODOLOGIA

A presente pesquisa adotará uma abordagem qualitativa de caráter bibliográfico e documental, tendo como foco a análise das produções musicais de Tasha & Tracie. O estudo será desenvolvido em três eixos principais.

Primeiramente, será realizada uma revisão bibliográfica sobre rap, cultura periférica e educação antirracista, mobilizando autores e produções acadêmicas recentes que tratam do rap enquanto linguagem formativa. Essa etapa busca construir uma estrutura teórica que fundamentará a interpretação das músicas das artistas.

Em seguida, análise documental das letras selecionadas de Tasha & Tracie, tomando como base metodologias de análise discursiva e temática. Serão identificados os temas recorrentes, elementos estéticos, referências culturais e marcadores sociais presentes nas obras, de modo a compreender como tais elementos ligam discursos sobre raça, gênero, periferia, estética negra, política e resistência.

Por fim, os resultados serão articulados para elaborar interpretações sobre o potencial educativo das músicas, discutindo como esses conteúdos podem fomentar práticas críticas e antirracistas em diferentes espaços de formação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presente pesquisa se justifica pela necessidade de compreender o rap como espaço de elaboração de saberes, de afirmação identitária e de disputa por sentidos sociais, especialmente dentro das dinâmicas culturais das periferias brasileiras. Em um país profundamente marcado por desigualdades raciais, territoriais e econômicas, analisar produções artísticas criadas por mulheres negras da periferia, como Tasha & Tracie, possibilita acessar narrativas que emergem diretamente das experiências, tensões e resistências presentes nesses territórios. As letras da dupla abordam temas como valorização estética, autoestima, enfrentamento ao racismo, empreendedorismo periférico, relações de gênero, memória e ancestralidade, configurando não apenas manifestações artísticas, mas formas potentes de leitura e interpretação da realidade social.

> Tiro auto estima
> Não me amo se não me vejo
> Criminaliza e suga existência ao mesmo tempo
> Empatia só pra vender seu marketê (marketing)
> Fala pra mim por mim não fala
> Ceis deixa claro que
> Noiz é público alvo
> Alvo de bala
> Poco - Tasha & Tracie. (2020).

Refletir sobre essas narrativas evidencia a força do rap como instrumento de crítica às estruturas de opressão e como meio de ressignificar vivências historicamente silenciadas e invisibilizadas. Ao colocar no centro da análise as vozes de artistas que surgem dos espaços marginalizados da cidade, esta pesquisa contribui para ampliar o debate sobre práticas culturais que participam ativamente da formação de consciência crítica e da disputa por reconhecimento simbólico.

> Cresci pensando uma forma de sair da vida que armaram pra mim
> Fazia as conta e não via saída
> Pensava: Pra sempre não pode ser isso
> Se pá, minha sina
> Um ciclo, num vício
> A música que eu senti mudou meu destino
> Me distraiu da dor e do perigo
> Não morri, fiquei forte mesmo sem alicerce
> De casa em casa, os meus caiu na caça do malote.
> Até sua alma – Djonga ft. Tasha & Tracie.(2022).

Em “Educação antirracista por meio do rap: música como agente transformador” Silva (2024), a autora apresenta o rap como uma linguagem capaz de produzir transformações sociais e subjetivas, promovendo a conscientização sobre o racismo e estimulando reflexões sobre identidade, pertencimento e resistência. O trabalho evidencia como a música pode atuar como agente formativo, aproximando estudantes de discussões sobre desigualdade racial e ampliando seus repertórios culturais a partir de experiências vividas e reconhecíveis.

A contribuição deste texto para a presente pesquisa está na compreensão do rap como ferramenta capaz de trazer deslocamentos simbólicos e críticos, sobretudo na formação de sujeitos mais conscientes de sua realidade social. Esse entendimento será utilizado para analisar como as artistas constroem discursos potentes que podem ser mobilizados em processos educativos por meio de suas letras, estéticas e narrativas.

Stuart Hall (2006) discute, em “A identidade cultural na pós-modernidade”,os processos de construção identitária, enfatizando que as identidades não são fixas, mas estão em constante transformação, articuladas por relações de poder, contextos históricos e práticas culturais. O autor aborda como os sujeitos produzem e negociam significados sobre si mesmos em meio às estruturas sociais, destacando o papel central da representação cultural nesse processo.

Esse referencial é especialmente relevante para analisar a obra de Tasha & Tracie, pois suas músicas constroem narrativas que quebram estereótipos, afirmam identidades negras e periféricas e materializam práticas de resistência cultural. A partir dos conceitos desenvolvidos por Hall (2006) será possível interpretar como as artistas elaboram discursos sobre estética negra, empoderamento, autonomia feminina e vivências periféricas que dialogam diretamente com disputas simbólicas presentes na sociedade.

Ambos os trabalhos contribuem para esta investigação por ajudarem a abordar o rap como um espaço de produção de saberes, de crítica social e de afirmação identitária. Eles oferecem subsídios teóricos que permitem aprofundar a discussão sobre artistas específicos, como Tasha & Tracie. Suas reflexões serão apropriadas nesta pesquisa para fundamentar a análise das letras da dupla, compreendendo como suas narrativas dialogam com questões raciais, culturais e políticas que atravessam a sociedade brasileira e como podem ser utilizadas em práticas educativas críticas em diferentes contextos formativos.

CONCLUSÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar de que modo as músicas de Tasha & Tracie podem ser utilizadas como material formativo capaz de promover práticas educativas críticas e antirracistas. Para isso, busca-se identificar os principais temas presentes em suas letras, especialmente aqueles relacionados à raça, gênero, política, periferia e identidade, bem como examinar os elementos discursivos, estéticos e pedagógicos que tornam essas produções relevantes para processos de aprendizagem diversos. Nessa lógica, busca-se também, investigar como diferentes públicos, incluindo educadores, coletivos periféricos e jovens, podem interpretar e utilizar essas músicas em atividades ou reflexões de caráter educativo. A partir dessas análises, pretende-se construir propostas de utilização das obras das artistas em ações formativas que valorizem saberes periféricos e fortaleçam perspectivas críticas e antirracistas.

PALAVRAS-CHAVE: Tasha & Tracie; Rap;Periferia;Antirracista

REFERÊNCIAS

DJONGA. **até sua alma**. Part. Tasha & Tracie. In: DJONGA. **O Dono do Lugar**. [S.l.]: Supernova Entertainment, 2022. 1 faixa musical (5 min). Disponível em: spotify.com.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

SILVA, Alícia Alves. Educação antirracista por meio do rap: música como agente transformador. 2024.

TASHA & TRACIE. Poco. Prod. AmandesNoBeat. [S.l.]: Spotify, 2020. 1 faixa musical (2 min 31 s). Disponível em: spotify.com.